

INCLUSÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL:
ações lúdicas para crianças com Transtorno do Espectro Autista
(TEA)¹

INCLUSION IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION:
playful activities for children with Autism Spectrum Disorder (ASD)

Tayara Gomes de Oliveiraⁱ

RESUMO: O artigo aborda a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil, focando no uso de jogos e brincadeiras. O estudo qualitativo, foi realizado por meio de entrevistas com professoras de uma Escola Municipal de Educação Infantil no município de Sinop-MT, no primeiro semestre do ano de 2024. A pesquisa, fundamentada em autores como Jean Piaget e Lev Vygotsky, mostrou que atividades lúdicas podem ser adaptadas, mas exigem esforços significativos considerando dificuldades que incluem a falta de formação contínua para professores e a escassa participação das famílias. Conclui-se que um ambiente inclusivo depende de apoio institucional e capacitação contínua.

Palavras-chave: Educação. Jogos e brincadeiras. Inclusão. Transtorno do Espectro Autista.

ABSTRACT²: This paper approaches children with Autism Spectrum Disorder in Early Childhood Education, focusing on the use of games and play. The qualitative study was conducted through interviews with some teachers that have been working at a Municipal Early Childhood Education

¹ Este artigo é um recorte do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado AÇÕES E ESTRATÉGIAS LÚDICAS PARA UM AMBIENTE INCLUSIVO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: a inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), sob a orientação do Prof. Dr. João Batista Lopes da Silva - Curso de Pedagogia, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Câmpus Universitário de Sinop, 2024/2.

² Resumo traduzido por Profa. Ma. Maria Luiza de Medeiros Monteiro, graduada em Letras, Língua Portuguesa e Língua Inglesa (UEM, Maringá). Mestra em Estudos Literários (UNEMAT).

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9386960239050040>

E-mail: marialuizamonteiro@gmail.com

School in Sinop-MT, It happened in the first half of 2024. The research, based on authors such as Jean Piaget and Lev Vygotsky, demonstrated that playful activities can be adapted and, require significant efforts considering difficulties that include the lack of continuous training for teachers and the scarce participation of families. It can be inferred that an inclusive environment depends on institutional support and ongoing training.

Keywords: Autism Spectrum Disorder (ASD). Early Childhood Education. Playful Activities. Inclusive Education.

1 INTRODUÇÃO

A educação inclusiva garante o direito de todas as crianças, incluindo aquelas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a participarem ativamente do ambiente escolar. Para isso, é essencial a adoção de metodologias específicas que promovam seu engajamento nas atividades pedagógicas e incentivem a interação com os colegas. Nesse contexto, jogos e brincadeiras desempenham um papel fundamental, contribuindo significativamente para o desenvolvimento físico, cognitivo e socioemocional das crianças, tornando o aprendizado mais acessível.

Dessa forma, torna-se necessário analisar como os jogos e brincadeiras podem ser utilizados por docentes para potencializar a inclusão de crianças com TEA na educação infantil e identificar as práticas pedagógicas com jogos e brincadeiras direcionadas ao atendimento.

Nesse sentido, o estudo aborda a importância dos jogos e brincadeiras na educação infantil para potencializar a inclusão de crianças com TEA, destacando a necessidade de estratégias educacionais eficazes para esse público. Além disso, busca sensibilizar educadores e a sociedade sobre a inclusão e o respeito às diferenças.

O estudo foi realizado por meio de abordagem qualitativa, teve como método o estudo de caso, mediante a entrevista semiestruturada, realizada com docentes em uma Escola Municipal de Educação Infantil no município de Sinop-MT, no ano de 2024.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Os jogos e as brincadeiras possuem um papel essencial no contexto da educação infantil, especialmente no processo de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Essas práticas lúdicas favorecem o desenvolvimento social, emocional e cognitivo, ao proporcionarem oportunidades de interação, expressão de sentimentos e aprimoramento de habilidades motoras e comunicativas (Vygotsky, 1991; Cunha, 2012). Além disso, por sua natureza flexível, os jogos podem ser adaptados às necessidades específicas de cada criança, respeitando seu ritmo e preferências, o que contribui para a construção de um ambiente escolar mais acolhedor, acessível e inclusivo (Mantoan, 2003).

O pesquisador e autor Tony Attwood, um destacado especialista em autismo, ressaltou a necessidade de compreender a diversidade dentro do espectro, afirmando que: "Cada indivíduo com autismo é único; não existe um único 'tipo' de autismo" (Attwood, 2007). A partir dos anos 2000, uma mudança significativa ocorreu na forma como autistas são vistos na sociedade. O modelo social, que enfoca a aceitação e a inclusão de pessoas com deficiência, começou a ganhar força. O ativismo de pessoas autistas e suas famílias procuraram mudar a narrativa, desafiando estigmas e promovendo a compreensão de que as dificuldades enfrentadas não são apenas de natureza médica, mas também social.

A importância do jogo no processo de ensino-aprendizagem é amplamente reconhecida na literatura educacional, sendo considerado um recurso pedagógico eficaz para o desenvolvimento de competências cognitivas, sociais e emocionais nas crianças. Inserido no contexto escolar, o jogo adquire um valor educativo ao promover a aprendizagem de forma lúdica, ativa e significativa (Kishimoto, 2010; Brougère, 1998). Por meio do brincar, a criança é estimulada a exercitar a curiosidade, a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de resolver problemas — habilidades essenciais para seu desenvolvimento intelectual e cognitivo (Vygotsky, 1991; Piaget, 1971). Além disso, o jogo favorece a socialização e o fortalecimento de vínculos interpessoais, aspectos fundamentais no processo de aprendizagem colaborativa e na construção de uma convivência escolar saudável.

Sendo assim, José Francisco Chicon (2012) reforça que o jogo é um elemento essencial para o desenvolvimento de crianças com TEA, não apenas como uma forma de diversão, mas como uma estratégia pedagógica para promover a inclusão social, o aprendizado cognitivo e o desenvolvimento emocional. Ele destaca a importância de adaptá-los às necessidades individuais de cada criança, considerando suas limitações sensoriais e comportamentais, e a necessidade de envolvimento e motivação para que o jogo tenha um impacto positivo no processo de aprendizagem. Outro ponto relevante é a contribuição do jogo para o desenvolvimento cognitivo da criança com TEA. O autor argumenta que jogos simples, como quebra cabeças ou jogos de construção, podem estimular a resolução de problemas, o pensamento lógico e a coordenação motora fina, habilidades frequentemente desafiadoras para essas crianças.

Os jogos de construção e quebra-cabeças ajudam a criança com autismo a desenvolver habilidades cognitivas essenciais, como atenção, concentração e resolução de problemas, além de contribuir para o desenvolvimento da motricidade fina (Chicon, 2012, p. 112).

Dessa forma, são ótimas atividades para o desenvolvimento de habilidades importantes para o aprendizado, ajudando a criança a focar sua atenção, a manter a concentração por mais tempo e a resolver problemas, o que são habilidades cognitivas essenciais para o seu desenvolvimento. Além disso, essas atividades também são importantes para o desenvolvimento da motricidade fina, ou seja, a capacidade de usar pequenos músculos das mãos e dos dedos, como em atividades de pegar peças e encaixar corretamente no lugar.

Conforme Souza (2020, p. 325-326),

A inclusão e valorização dos conhecimentos e interesses destes alunos no decorrer das aulas é fundamental para a estimulação da participação, já que estes alunos possuem dificuldades na interação social [contribuindo] para uma criança com autoconfiança e autonomia para realizar as atividades [...].

Para que a inclusão seja efetiva, as escolas precisam adotar práticas pedagógicas que respeitem as necessidades e os ritmos de aprendizado de cada aluno. O educador deve ser visto como mediador de um processo que busca proporcionar igualdade de oportunidades para todos.

A inclusão no contexto educacional diz respeito à garantia do direito de todas as crianças a uma educação de qualidade em ambientes comuns, independentemente de suas condições físicas, cognitivas, culturais ou sociais. Mais do que o simples acesso à escola, a inclusão implica a transformação das práticas pedagógicas, dos currículos, dos ambientes e das atitudes, de modo que todos os alunos — com ou sem deficiência — possam participar ativamente do processo de aprendizagem e desenvolver-se plenamente (Mantoan, 2003). Trata-se de um compromisso ético e político com a equidade e com a valorização da diversidade humana no cotidiano escolar (Aranha, 2001).

Segundo Costa (2009), para tornar o ambiente escolar mais inclusivo, é essencial que os professores promovam atividades que favoreçam a interação e o respeito pelas diferenças, garantindo que todos os alunos, incluindo os com TEA, se sintam pertencentes e acolhidos. A autora também destaca a importância de adaptar o espaço físico e os materiais pedagógicos, além de utilizar recursos visuais que facilitem a compreensão e a participação de todos.

3 ABORDAGEM METODOLÓGICA

Para desenvolver o presente estudo a abordagem metodológica utilizada foi a pesquisa qualitativa, partindo de observações e a realização de entrevistas, uma vez que a pesquisa qualitativa permite absorver profundamente as experiências e perspectivas dos participantes proporcionando uma compreensão complexa nos fenômenos estudados. Minayo (2005) define a pesquisa qualitativa como um processo de investigação que visa entender o sentido atribuído pelos sujeitos aos fenômenos observados, permitindo uma análise mais profunda das experiências humanas.

O local foi escolhido por se tratar de uma instituição em razão da experiência que adquiri durante o estágio. A escola está localizada na zona urbana do município de Sinop-MT, e oferece à comunidade Educação Infantil (do Pré I à Pré escola).

Os sujeitos da pesquisa são duas professoras de Educação Infantil, ambas com experiência mínima de 10 anos no ensino de crianças com necessidades educacionais, incluindo aquelas com TEA.

A seleção foi feita por meio de um critério principal que foi a disposição das professoras para participar das entrevistas sobre suas práticas pedagógicas em salas de aula inclusivas.

4 A PERCEPÇÃO DE PROFESSORAS ACERCA DA UTILIZAÇÃO DE JOGOS E BRINCADEIRAS PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA COM TEA

Este tópico aborda e examina o objeto de pesquisa, além de considerar as contribuições oferecidas pelas professoras envolvidas, no que diz respeito aos aspectos pedagógicos relacionados a inclusão de crianças com TEA.

Quando indagadas sobre as ações que desenvolvem para promover a inclusão e participação das crianças com TEA, as professoras destacaram as seguintes observações:

(01) Professora 1: As ações utilizadas para promover a inclusão dessas crianças com o TEA nos momentos de brincadeiras e até em outros momentos também, nós usamos algumas intervenções ou adaptações, como por exemplo, fazer uma antecipação do que vai acontecer nesse momento, seja ele dentro da sala ou na área externa, dar esse tempo para que a criança possa compreender o que de fato vai acontecer.

(02) Professora 2: Uma das principais atitudes é a adaptação das atividades, incluindo materiais didáticos e métodos de ensino que atendam às necessidades específicas dessas crianças. Por exemplo, pode ser necessário usar recursos visuais, como quadros, desenhos ou cartões, para ajudar na compreensão das atividades.

Chicon (2023) afirma que os jogos e brincadeiras devem ser ajustados às habilidades e limitações da criança com autismo. Por exemplo, ele sugere que as atividades devem ser estruturadas de forma clara, com regras simples e previsíveis, para evitar sobrecarga sensorial ou frustração, corroborando com a fala da professora 2: “instruções diretas e bem definidas, podem facilitar o aprendizado e evitar frustrações”, destacada no excerto acima.

Dessa forma, as estratégias adotadas visam possibilitar a participação e integração dos alunos nas brincadeiras e atividades compartilhadas, através de intervenções como antecipação de eventos, clarificação de regras e apoio individualizado com objetivo de proporcionar um ambiente inclusivo e de socialização.

Na sequência foi realizada a seguinte pergunta: Dentro do ambiente escolar também fica a critério do professor em selecionar as atividades adequadas para a socialização desse aluno?

(03) Professora 1: A seleção é feita de acordo com os diagnósticos que a gente faz das crianças, vendo quais os possíveis jogos que vão contribuir para o desenvolvimento e para a inclusão delas no grupo.

(04) Professora 2: É importante considerar as características individuais de cada criança, como suas habilidades de comunicação, interação social e preferências sensoriais ao selecionar quais tipos de atividades elas podem desenvolver. Após selecionado, devem ser adaptados para oferecer um ambiente que respeite o ritmo da criança, ao mesmo tempo em que estimule o desenvolvimento social, cognitivo e motor.

Attwood (2007) destaca que, ao planejar atividades para crianças com TEA, é necessário criar ambientes previsíveis e seguros, onde as regras sejam claras e as interações sociais sejam gradualmente estimuladas. O uso de jogos adaptados pode promover não apenas a aprendizagem cognitiva, mas também o desenvolvimento emocional e social das crianças dentro do espectro. É essencial levar em consideração o nível de desenvolvimento e as preferências individuais de cada aluno e é recomendado escolher jogos e brincadeiras que estimulem a interação social, a comunicação, a coordenação motora e outras habilidades específicas que possam estar comprometidas no TEA. Jogos que envolvam cores, formas, números, sequências, padrões e elementos sensoriais também podem ser benéficos para estimular o desenvolvimento cognitivo e sensorial.

Quando questionadas sobre as recomendações para construção de um ambiente inclusivo e acolhedor durante as atividades recreativas (jogos e brincadeiras), as professoras responderam da seguinte maneira:

(05) Professora 1: As principais recomendações e orientações que é proposto é colocar essa criança, de fato, junto ao grupo, organizar de forma com que as crianças compreendam as necessidades do colega, proporcionar brincadeiras onde, de fato, essa criança possa participar. Esse é o fator primordial, fazer com que essa criança interaja com o seu grupo para que ela possa estar inclusa, pertencente e acolhida.

(06) Professora 2: Para tornar o ambiente e as relações mais inclusivas, eu digo que o primeiro passo é garantir que todas as crianças, sem exceção, tenham um entendimento claro sobre as diferenças e as necessidades do colega. Isso é feito por meio de atividades que promovam a empatia, como dinâmicas de grupo e jogos cooperativos. Outra recomendação é criar oportunidades para que elas trabalhem juntas em projetos e atividades, respeitando o ritmo de cada uma.

Segundo Costa (2009), para tornar o ambiente escolar mais inclusivo, é essencial que os professores promovam atividades que favoreçam a interação e o respeito pelas diferenças, garantindo

que todos os alunos, incluindo os com TEA, se sintam pertencentes e acolhidos. A autora também destaca a importância de adaptar o espaço físico e os materiais pedagógicos, além de utilizar recursos visuais que facilitem a compreensão e a participação de todos.

As professoras destacam o papel das atividades no desenvolvimento das crianças, enfatizando como essas atividades podem contribuir para o fortalecimento da autoestima e da confiança. O brincar, que envolve tanto habilidades motoras quanto sociais e cognitivas, é fundamental para o crescimento saudável da criança, pois ela se sente reconhecida e parte de um grupo. Isso reflete a importância de uma abordagem holística no processo educacional, onde o aspecto emocional e social do desenvolvimento não deve ser negligenciado. Quando as crianças se sentem valorizadas pelos colegas e pelo ambiente escolar, há um impacto positivo em sua autopercepção, o que pode influenciar seu desempenho e bem-estar emocional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo analisar como os jogos e brincadeiras podem ser utilizados por docentes da Educação Infantil como ferramenta de inclusão de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Através das entrevistas realizadas com professoras experientes da rede municipal de ensino de Sinop-MT, foi possível constatar que, embora os jogos e brincadeiras representem um recurso pedagógico potente para promover o desenvolvimento cognitivo, social e emocional das crianças com TEA, sua efetiva aplicação requer planejamento, sensibilidade e formação específica por parte dos educadores.

O estudo alcançou seus objetivos ao evidenciar que práticas inclusivas estão sendo construídas cotidianamente, mesmo diante de limitações estruturais e da escassez de formação continuada. As adaptações pedagógicas observadas — como a antecipação de atividades, o uso de recursos visuais e a consideração das preferências individuais — revelam um esforço docente relevante para tornar o ambiente escolar mais acolhedor e inclusivo. No entanto, ficou evidente que há desafios persistentes, como a falta de apoio institucional sistemático, a sobrecarga de trabalho e a baixa participação familiar no processo educativo dessas crianças.

Durante a realização da pesquisa, alguns percalços metodológicos foram enfrentados. A limitação no número de participantes — restringindo-se a duas docentes — impôs um recorte mais específico à investigação. Apesar disso, a riqueza das narrativas obtidas permitiu uma análise aprofundada e qualitativa das práticas pedagógicas, o que compensou a limitação quantitativa. Outro desafio foi conciliar os horários das professoras para a realização das entrevistas, o que exigiu flexibilidade no cronograma inicial do estudo.

Com base nos resultados obtidos, recomenda-se que futuras pesquisas ampliem o número de participantes, incluindo não apenas docentes, mas também gestores escolares, famílias e os próprios alunos com TEA, a fim de construir uma compreensão mais abrangente e colaborativa do processo de inclusão. Além disso, seria pertinente investigar com mais profundidade o papel da formação docente continuada e o impacto de políticas públicas na consolidação de práticas inclusivas na Educação Infantil.

Por fim, esta pesquisa reforça a importância de se investir em ambientes educacionais que valorizem a diversidade e promovam o respeito às diferenças desde os primeiros anos escolares. O brincar, mais do que uma atividade espontânea, deve ser compreendido como uma estratégia essencial para a construção de um espaço educativo verdadeiramente inclusivo, capaz de reconhecer e potencializar as singularidades de cada criança.

REFERÊNCIAS

- ARANHA, M. S. F. Educação especial: história e políticas públicas. São Paulo: Moderna, 2001.
- ATTWOOD, Tony. O autismo e a síndrome de Asperger: guia prático para pais e profissionais. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007
- CHICON, José Francisco. A brincadeira da criança com autismo: apontamentos para as práticas educativas e inclusão. São Paulo: Editora Encontrografia, 2023.
- CUNHA, E. Autismo e inclusão: psicopedagogia práticas educativas na escola e na família. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Wak, 2014.
- CUNHA, G. Brincar e incluir: a ludicidade como recurso na educação de crianças com necessidades especiais. Campinas: Autores Associados, 2012.
- KHISHIMOTO, Tizuko Morchida (Org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida. O brincar e suas teorias. São Paulo: Pioneira, 2010.
- MANTOAN, Maria Teresa. Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2003.
- PIAGET, Jean. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1971.
- SOUZA, Mayara dos Santos de. Autista e alfabetização. Eventos Pedagógicos, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 317–326, 2020. DOI: 10.30681/rep.v11i2.10300. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/rep/article/view/10300>. Acesso em: 9 mar. 2025.
- VYGOTSKY, Lev S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Recebido em: 6 de junho de 2025.

Aprovado em: 23 de junho de 2025.

DOI: <https://doi.org/10.30681/rep.v16i1.13939>

ⁱ Tayara Gomes de Oliveira. Graduanda em Licenciatura em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso – Câmpus Universitário de Sinop, Faculdade de Ciências Humanas e Linguagem (FACHLIN), semestre 2025/1. Sinop, Mato Grosso, Brasil.

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1843987692361166>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-3815-9010>

E-mail: tayara.oliveira@unemat.br